

NEGROS NO SUL: A ESCRIVÊNCIA COMO CONTINUIDADE DE VOZES SILENCIADAS.

Talles do Nascimento Martins

INTRODUÇÃO: Este trabalho analisa como as vivências negras no Sul do Brasil são atravessadas pelo discurso que constrói a região como uma terra de oportunidades associada à branquitude. Tal narrativa, historicamente consolidada, contribui para o apagamento da presença negra e para a naturalização da exclusão que opera no plano simbólico e material. Para enfrentar esse apagamento, adota-se como eixo metodológico a escritvivência, conforme formulada por Conceição Evaristo (2020), compreendida aqui como uma prática de escrita que articula memória, experiência e ancestralidade. A partir dessa perspectiva, a narrativa não se restringe ao âmbito individual, mas se insere em uma dimensão coletiva, marcada pela continuidade de vozes historicamente silenciadas. Partindo da experiência situada de um sujeito negro, periférico e LGBTQIAPN+ no Sul do Brasil, o estudo mobiliza a interseccionalidade, nos termos de Carla Akotirene (2019), como ferramenta analítica para compreender como raça, gênero, classe, sexualidade e território se articulam na produção dessas vivências. Nesse sentido, a escritvivência é mobilizada não apenas como método, mas como forma de resistência, capaz de tensionar o mito do Sul branco e reinscrever a presença negra na história da região.

METODOLOGIA: A metodologia deste trabalho fundamenta-se na escritvivência, conceito elaborado por Conceição Evaristo (2020), entendida como uma prática de escrita que articula experiência individual e memória coletiva, atravessada por dimensões históricas e ancestrais. A partir dessa perspectiva, mobiliza-se a experiência situada de um sujeito negro, periférico e LGBTQIAPN+ no Sul do Brasil como ponto de partida analítico. Para a análise, utiliza-se a interseccionalidade, conforme proposta por Carla Akotirene (2019), enquanto lente teórica capaz de identificar como diferentes marcadores sociais — como raça, gênero, classe, sexualidade e território — se articulam na produção das desigualdades. Assim, busca-se tensionar o imaginário hegemônico que associa a região à branquitude e à herança europeia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Ao ingressar no ensino superior e não encontrar figuras negras da região, sendo questionado repetidamente “de onde você realmente vem?” — como se negros não pudessem ser do Sul —, encontrei nesses casos o respaldo para minha própria vivência. Apontar a escritvivência de um corpo negro LGBTQIAPN+ no Rio Grande do Sul é, portanto, desmentir o mito do Sul branco — não com dados frios, mas com a força da memória que insiste em não se calar. O Sul do Brasil pode ser compreendido como um espaço marcado por práticas históricas de violência e apagamento das vivências negras, como pode ser observado pelo que ficou conhecido como Massacre de Porongos, onde sujeitos negros que receberam a promessa de liberdade ao lutar ao lado dos farroupilhas foram desarmados e entregues ao Império para serem mortos (Rafuagi, 2016). Também houve o apagamento de referências afro-gaúchas

como Zeli de Oliveira Barbosa, que em *Ilhota - Testemunho de Uma Vida* (1993) narra sua biografia como mulher negra que sobreviveu na periferia nos anos 1970, e Helena do Sul, que em *Negrada* (1994) apresenta múltiplas histórias de pessoas negras no Rio Grande do Sul. O que me fez perceber que o apagamento de existências negras perpassa múltiplas camadas é a dificuldade de acessar referências positivas de mulheres negras que não estejam associadas à mulata, à Globeleza ou à escravização. No meu caso, a única referência midiática disponível não era uma figura sulista, mas uma caricatura, como Vera Verão — o que me fez sentir profundamente isolado. No entanto, encontrei conforto dentro da perspectiva do feminismo negro, especialmente nas contribuições de Audre Lorde, que colocam em debate temas historicamente silenciados, incluindo as vivências LGBTQIAPN+ (Lorde, 2019). Esse apagamento não acontece por acaso, mas faz parte de um processo que decide quais vidas importam e quais podem ser esquecidas — o que pode ser entendido como necroeducação (Silva, 2019) e também como epistemicídio (Carneiro, 2005), ao silenciar aquilo que fazemos, pensamos e escrevemos.

Palavras-chave: Branquitude; Escrivivência; Sulista; Negros.

REFERÊNCIAS: AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARBOSA, Zeli de Oliveira. *Ilhota: testemunho de uma vida*. Porto Alegre: [s.n.], 1993.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo: Zahar, 2005.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

RAFUAGI. Manifesto Porongos. YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YkHY4A14Gg8>. Acesso em: 28 abr. 2026.

SILVA, Heloísa da Costa e. *Necroeducação: reflexões sobre morte, racismo e educação*. Salvador: EDUFBA, 2019.

SUL, Helena do. *Negrada*. Porto Alegre: [s.n.], 1994.

AGRADECIMENTOS: Agradece-se ao Universidade Federal da Integração Latino-Americana pelo patrocínio na condição de bolsista do Programa de Bolsa Institucional da UNILA – PROBIU.